
IMPRESSIONISMO NO RIO GRANDE DO SUL: LUZ E SOMBRAS DE OSCAR BOEIRA

IMPRESSIONISM IN RIO GRANDE DO SUL: LIGHT AND SHADOWS OF OSCAR BOEIRA

Fernanda Soares da Rosa
Graduanda em História pela FFCH/PUQRS
fernanda.rosa.008@acad.pucrs.br

RESUMO: Este trabalho busca traçar a trajetória do pintor gaúcho Oscar Boeira (1883-1943) no campo das artes plásticas no Rio Grande do Sul. Importante artista de sua época possui os maiores expoentes de sua carreira inspirados pela arte impressionista. Com obras inovadoras traz um olhar diferenciado e sensível, de relevância, a ser compreendido e estudado. Seu caminho nas artes, suas pinturas de paisagem e retrato, bem como seus desenhos traçam aspectos da sociedade rio-grandense do início do século XX, período este em que ocorrem transformações socioeconômicas significativas para a sociedade gaúcha, sendo que a arte carrega grande influência de sua época e de seus indivíduos. Vida e obra de Boeira são trazidas para melhor compreendermos sua arte e sua atuação nesse campo. Sua forma de ser e de ver o mundo influencia não só em suas produções, nos reflete peculiaridades desta figura importante para as artes plásticas do Rio Grande do Sul, que até hoje pouco estudado, merece um olhar mais aprofundado em seu legado.

PALAVRAS-CHAVE História da Arte. Impressionismo no Rio Grande do Sul. Oscar Boeira.

ABSTRACT: This work aims to trace the trajectory of the gauchó painter Oscar Boeira (1883-1943) in the field of fine arts in Rio Grande do Sul. Important artist of his time, he has the greatest exponents of his career inspired by impressionist art. With innovative works, he brings a distinctive and sensitive look which is relevant to be understood and studied. His path in the arts, his paintings of landscape and portrait, as well as his drawings outline aspects of the early twentieth century riograndense society, a period in which significant socioeconomic changes occur to the gaucha society and that art exert great influence of its time and its individuals. Life and work of Boeira are taken to better understand his art and his activities in this field. His way of being and seeing the world influences not only his productions, it reflects the peculiarities of this important figure in the fine arts of Rio Grande do Sul that until now few studied, it deserves a deeper look of his legacy.

KEYWORDS: Art History. Impressionism in Rio Grande do Sul. Oscar Boeira.

Notável artista, possuidor de obras inovadoras e expressivas de sua época, Oscar Boeira foi um pintor que vendeu apenas um quadro em vida e teve exposições individuais

organizadas somente após sua morte. Sua personalidade introspectiva e sua modéstia excessiva o fizeram privar-se das grandes rodas artísticas de sua época. Apesar do reconhecimento de seus contemporâneos, se manteve relativamente afastado dos círculos artísticos. Por ser extremamente autocrítico, destruía a maioria de suas obras ou não concluía alguns de seus trabalhos, deixando poucos quadros e desenhos. Sua produção traz aspectos diferentes dos outros trabalhos da época. Suas influências perpassavam o momento em que se encontrava as artes no estado.

A proposta de recriar a vida deste peculiar pintor gaúcho para compreender sua arte nos leva ao cenário inicial das artes plásticas no Rio Grande do Sul. O campo ganha espaço no século XIX. Com a imigração europeia (não ibérica), até cerca de 1890, acontece o desenvolvimento de Porto Alegre, e até final dos anos de 1920, se consolida a urbanização do estado. A imigração introduz agricultura diversificada, indústria artesanal e promove um fortalecimento da pecuária, esses aspectos possibilitaram a formação de uma burguesia local, principalmente na capital (GASTAL, 2007). Transformações significativas acontecem na cidade, além da urbanização, o processo de expansão do ensino superior e a disseminação da notícia e do conhecimento através de revistas e jornais refletem características de sensibilidade na sociedade. O estado renova-se econômica, política e socialmente, o que permite a constituição do campo das artes (KERN, 2007).

Athos Damasceno, primeiro historiador da arte e Angelo Guido, pintor e crítico de arte do Rio Grande do Sul, nos trazem os primeiros momentos da arte no estado. Guido, em um longo ensaio na *Enciclopédia Rio-Grandense* divide a arte em três momentos, destaca aspectos da arte rio-grandense desde o período colonial, perpassa pelas influências de Manuel de Araújo Porto Alegre, até chegar no início do século XX, abordando as importâncias da Exposição de 1925. Damasceno na obra *Artes plásticas no Rio Grande do Sul: 1755-1900* remonta esse cenário de mudanças socioeconômicas e suas transformações para os primeiros passos da arte. A presença de um grande personagem, Pedro Weingärtner, precursor na pintura gaúcha, aparece como personagem importante para o campo das artes. Este ganha o mundo com seu talento, tanto intelectual quanto artístico. Sendo assim entre os anos de 1890 e 1930 uma geração de artistas, da região ou que se estabeleceram nela, darão início a um

novo momento da sociedade. Novas formas de vida e novos anseios da época são refletidos nas artes, onde uma vasta produção artística formará o início das artes plásticas no sul do país.

Em 1903 ocorre uma mostra exclusivamente de artes plásticas. Organizada por Arthur Pinto da Rocha, foi promovida por seu jornal, a Gazeta do Comércio. Aconteceu entre 1º e 24 de março e a exposição recebeu a visita de mais de duas mil pessoas. Artigos sobre o evento eram publicados diariamente no jornal, mostrando obras em destaque e até sorteando-as (CAMBONA, 1983). Assim o público era instigado pela novidade das artes. O campo ainda que precário no início do século XX, contava com poucos professores e ainda não havia escolas de arte para aperfeiçoamento dos artistas. Muitos deles procuravam em outros estados sua qualificação e seu espaço.

Esta mostra recebeu cobertura e apoio da imprensa do interior e também do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo assim de grande importância para o campo das artes. De relevância também por seus aspectos educacionais, incentivava os artistas iniciantes locais, estes tinham suas obras colocadas junto aos mestres que lhe serviam de modelo e estudo, como Pedro Weingärtner, Libindo Ferraz e Virgílio Calegari. Profissionais e amadores expuseram suas aquarelas, desenhos, pinturas à óleo, esculturas e fotografias lado a lado.

Os críticos de arte foram muito importantes na formação do público apreciador, que aprende a reconhecer a estética artística, a ter noções de arte. Revistas, críticas e jornais traziam notas e reportagens sobre as exposições que foram acontecendo, mostrando assim as mudanças que incentivam o mundo artístico, gerando efeitos na produção visual, onde os artistas passaram a se preocupar mais com suas obras.

A fundação do Instituto Livre de Belas Artes em 1908 reflete a necessidade de abrir espaço para as artes. A comissão de fundação nomeia Olimpo Olinto de Oliveira como seu presidente. Médico renomado que estudou na corte e em 1898 fundou a Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Sempre presente nas iniciativas que beneficiavam a sociedade, também foi um dos fundadores, em 1896, do Instituto Musical Porto-Alegrense. Somente em 1910 fora criada a Escola de Artes do Rio Grande do Sul (EBA), com direção de Libindo Ferraz até 1936.

Apesar de ter lecionado no EBA entre os anos de 1915 e 1917, na maioria do tempo até mesmo sem remuneração, Boeira teve seu talento realmente reconhecido e divulgado somente durante o Salão de Outono, em 1925. Um grande marco na pintura gaúcha, segundo Ângelo Guido, esse Salão realizado entre 25 de abril até 25 de junho, foi o primeiro grande evento organizado pelos artistas e intelectuais mais representativos da região. Fez grande sucesso entre o público, o que mostra a formação de um grupo social apreciador de arte. Esse evento não se preocupava com a inovação, pois visava apresentar artistas locais, porém Boeira encantou a crítica e a imprensa com suas obras. Mesmo com trabalhos de outros artistas expostos com traços “no tradicionalismo das paisagens, naturezas mortas, retratos e temas regionalistas” (CAMBONA, 1983, p. 18) a pintura de Boeira se destacava, com personalidade, refletia sua base artística firmada em seus estudos fora do estado. Expôs no Salão de Outono suas obras *Árvore seca*, *Retrato e Estudo de Retrato*, todas à óleo.

Nascido em 21 de julho de 1883, único homem entre sete filhos, Boeira pertencia a uma família abastada de Porto Alegre. Seu pai, dono de um Bazar que negociava artigos importados na antiga Rua do Comércio, atual Rua Uruguai, queria que seu único filho homem tocasse os negócios da família. Boeira até trabalhou com o pai por alguns meses, mas desistiu para se dedicar aos desenhos e à pintura. Iniciou-se em 1909, quando o pai o matricula na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), mesmo sem o consentimento de sua mãe, que via o Rio de Janeiro como antro de corrupção e “má vida”.

Assim, no Rio de Janeiro, com 26 anos, Boeira inicia seus estudos com Rodolfo Amoedo, mestre que lhe dá bases para ingressar na ENBA. A arte de Amoedo vai ser crucial dentre as influências que o pintor carrega, pois foram os primeiros ensinamentos técnicos de sua carreira. Este desenhista, pintor, decorador e professor, além de ter sido aluno de Vitor Meirelles no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, viveu em Paris entre 1879 e 1887, onde estudou na *École de Beaux-Arts*, participou de salões de arte em Paris nos anos de 1882, 1883 e 1884. Foi ainda professor de Eliseu Visconti.

Ao ingressar poucos meses depois na ENBA, Boeira estuda com Eliseu Visconti¹, cujos ensinamentos formam bagagem principal, pois com ele aprende as técnicas e os princípios da arte impressionista. Já no primeiro ano de curso despertava atenção da crítica, era citado como um dos melhores alunos do professor. Visconti é considerado um dos mais importantes pintores do período em que viveu e ainda o mais expressivo representante da arte impressionista no Brasil. Também estudou para Paris, em 1892, convivendo direto com os movimentos simbolista e impressionista, teve contato com diversos artistas europeus que o inspiram e influenciam sua arte.

Após dois anos longe do estado, Boeira se vê obrigada a retornar. Adoece e por insistência dos cuidados da família volta para se tratar em Porto Alegre. A doença não é mencionada na bibliografia existente sobre o pintor, apenas é tratada como grave. O professor José Augusto Avancini levanta uma hipótese sobre o mal que assola o pintor em seu ensaio sobre a pintura de paisagem de Boeira, acreditando ser tuberculose, pela gravidade e preconceito da doença na época. Após passada a moléstia monta em sua casa um ateliê e dá aulas particulares.

Descrito por uma de suas alunas como dono de um temperamento forte, era conhecido por como justo e honesto, o artista possuía um trabalho respeitado e reconhecido entre os seus, seu nome era sinônimo de seriedade no meio artístico. Ainda que percebemos em nosso pintor características de uma pessoa tímida ele era visto como um artista excêntrico em seu meio. Yolanda Trebbi, aluna no EBA e amiga da uma das irmãs do pintor abordou alguns aspectos de Boeria em um trabalho sobre o artista, de 1971. Neste coloca que o fato do retorno do pintor ao estado bem no momento em que estaria iniciando sua provável consagração no meio artístico nacional soou como um impacto de grande força em sua vida. Acredita que o acontecido o fez desanimar e acreditar que seu talento teria sido interrompido, assim como um relato seu, seria tarde para retomada de seus estudos e o próprio não o queria. Yolanda lembra dos tempos de aula, quando Boeira lutava para aderir algumas especificidades que não eram bem vistas pela direção da escola. Técnicas como utilização de modelos vivos e lições ao ar livre não eram praticadas, nas aulas eram nas salas e se usava

¹ Seu principal biógrafo, Frederico Barata, lançou em 1944 a principal obra sobre o pintor: *Eliseu Visconti e seu tempo*.

modelos de gesso. Trebbi relata que chegou a levar lavadeiras para posar nas aulas, mostrando o interesse que os alunos tinham para novas técnicas. O EBA possuía cursos de pintura, desenho e artes de aplicação industrial, porém seu currículo era baseado nas tradições acadêmicas européias, bem como a ENBA, do Rio de Janeiro na época. Sendo assim era formada por um sistema de ensino regrado por princípios estéticos acadêmicos e morais, prezando a arte feita a partir de reproduções.

Boeira, apreciador de uma estética menos acadêmica, reproduzia em suas obras o gosto pelo movimento impressionista. Também refletia diferentes formas de interpretações artísticas na época, um surgimento de novos gostos devido às influências européias e do Rio de Janeiro, suas obras colidiam com os ideias da arte tradicional. Seus traços seguiam uma orientação realista, ao se expressar tinha desinteresse pelos objetos, dando preferência às paisagens e aos retratos. Ainda preferia o trabalho *en plein-air*, que permitiam realizar seus estudos de sombras e cores, destoava-se das cópias acadêmicas preferindo sua liberdade de criação e inspiração.

Boeira não se modernizou no sentido europeu, ou mesmo nacional. Mas foi moderno na região, por investir contra a tradição e por introduzir novos expedientes pictóricos num código acadêmico, capaz de instaurar uma nova matriz visual. (PIETA, 1998. p. 6).

A “academia” da arte Impressionista fora passeios ao ar livre, café, bares, praças, piqueniques. Esse movimento surgido na década de 1870 na França rompeu com as pontes do passado, abriu espaço para novas formas de configurar a arte, seja através da pesquisa artística moderna, seja pelas novas formas de ver e rerepresentar a arte. Formou-se, tendo como principais nomes Monet, Renoir, Degas, Cézanne, Pissaro e Sisley.² No sul do Brasil ela chega com atraso, mais cedo no Rio de Janeiro, devido o contato dos artistas com a Europa. Tardou mais ainda no Rio Grande do Sul, porém no sentido de inovação em relação aos avanços artísticos que Boeira proporcionou para o momento das artes no estado.

² Expostas pela primeira vez no estúdio fotográfico de Nadar, em 1874, as obras impressionistas sempre provocaram reações escandalizadas da crítica e do público. Os artistas não se uniam por ideais revolucionários, nem interesses políticos incomuns, mas sim por terem aversão aos salões oficiais de arte. Leia mais em John Rewald, 1991.

As obras de Boeira possuem pinceladas rápidas e sem retoques. Imbuídos em uma impressão luminosa, a tonalidade do ar livre, juntamente da transparência da atmosfera, proposta na maioria de suas obras, formam um nuance de cores e traços inigualáveis aos de sua época. Helios Seelinger, organizador do Salão de Outono (1925), caracteriza suas obras nas críticas do evento como “um grande e magnífico intérprete, não só da paisagem, mas igualmente da figura” (OSCAR BOEIRA: 100 ANOS, 1983).

Boeira participou em vida de cinco exposições, a primeira delas ainda do Rio de Janeiro, aconteceu em 1911, na ENBA. Entre os alunos Visconti destacou-se chamando atenção da crítica através da imprensa. No Jornal *A República* de 5 de janeiro de 1911 recebe reconhecimento:

Eis-nos (...) entre os trabalhos dos alunos de Eliseu Visconti (...). E mais um passo, paramos atraídos, maravilhados. São trabalhos de um artista ou de algum prêmio de viagem à Europa? – Não; são de um aluno da Escola, informam-nos do lado. E procuramos ver o nome: Oscar Boeira. É o de um artista, de um grande artista, hoje; amanhã, de um extraordinário artista’ (...) A gente através de seus trabalhos sente uma alma e uma imaginação, ambas grandes, ambas iluminadas. (OSCAR BOEIRA: 100 ANOS, 1983, [p. 9])

Após seu destaque no Salão de 1925, sua próxima participação em mostras de arte foi no Salão de 1929 promovido pela EBA, o evento aconteceu no foyer do Teatro São Pedro. Nessa expôs *Manhã de Brumas, Paineira, Farol Atalaia, Milagre das Rosas e Fim de Carnaval*. Divulgada pela mídia a exposição contou com uma nota sobre o pintor, no *Diário de Notícias* de 4 de dezembro, escrita por Angelo Guido, cujos elogios enaltecem o artista que mesmo fazendo questão de se manter afastado do círculo artístico é reverenciado pelos grandes:

Continua sendo muito visitado o Salão da Escola de Artes, instalado no Teatro São Pedro. (...) Oscar Boeira é um temperamento e, o que se quer na obra de arte é que esse revele um temperamento. Assim Oscar Boeira é um interessantíssimo artista que pede mais ser compreendido do que analisado em detalhes de menos importância, onde há o verdadeiro sentido da arte. (OSCAR BOEIRA: 100 ANOS, 1983, [p. 9])

Foi nessa exposição que Boeira ganhou medalha de ouro, sendo contemplado ainda com a compra de uma de suas obras por um ilustre apreciador de seu talento, Getúlio Vargas escolhe pessoalmente *Paisagem II* para a coleção de obras do estado. Na época vendida por dois contos de réis valia muito mais na época, porém o artista não acostumado a vender suas obras nem sabia o quanto cobrar. O quadro retrata uma cena bucólica da paisagem gaúcha, uma chácara localizada na Azenha. Com delicadas pinceladas traz uma imagem poética, ensolarada e coberta por uma neblina matinal, ao fundo vislumbrasse o Morro da Polícia imbuído numa atmosfera repleta de sensibilidade. Obra que hoje se encontra no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), nos remete a uma captação do momento e nos permite relações acerca das proximidades do impressionismo com a fotografia, pois congela a paisagem na tela.

Oscar Boeira. *Paisagem II (Manhã de Brumas)*, 1918.



Óleo sobre tela. 44,5x95cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS.
Fotografia: Fabio Dal Re e Carlos Stein – Vivafoto.

Com uma grandiosa exposição que acontece em Porto Alegre em 1935 uma vasta estrutura é montada para receber as comemorações do Centenário Farroupilha, na antiga Várzea ou Campo da Redenção, espaço que a partir desse evento passa a ser conhecido como Parque Farroupilha. Diversos pavilhões foram preparados para receber artistas, o setor dedicado à cultural ficava no prédio do Instituto de Educação. A exposição foi apoiada não só

pelo Governo do Estado como por outras instituições, entre elas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e ainda teve ampla divulgação pela imprensa da época.³ A Revolução dos Farrapos foi celebrada em grande estilo, “se houve uma promoção com intenção de surpreender os incautos pela demonstração da pujança do Rio Grande do Sul” (CAMBONA, 1983, p. 24.) fora essa exposição.⁴

Vista da entrada principal do Pórtico Monumental da Exposição do Centenário Farroupilha.



Fonte: Olavo Dutra, 1935. Acervo Fototeca Museu Joaquim Felizardo.

Além de compor o júri ao lado de Angelo Guido, Fernando Corona e Ernani Correa, neste evento, Boeira expôs as obras *Paineira*, *Barcos*, *Estudo para Retrato*, *Bordando no Jardim*, *Farol de Atalaia*, *No Capão*, *No Jardim e Retrato*, todas à óleo. Foram apresentadas 700 obras somente na seção de pintura, temas históricos, retratando as batalhas, marcaram a mostra. Muitas dessas pinturas traziam a temática regionalista, como as de Leopoldo Gotuzzo, porém em comparação com outros temas havia poucas obras desse caráter, mostrando novos anseios entre os pintores aos caminhos das artes já neste período. A mostra dividia-se entre

³ Saiba mais em NASCIMENTO, 2007.

⁴ Leia mais sobre essa exposição em REGINALDO, 2010 e CERONI, 2009.

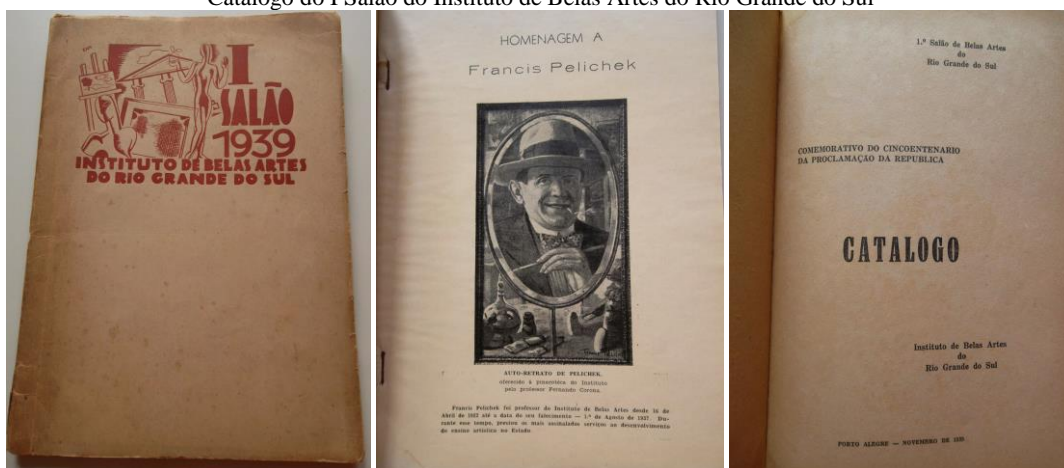
artistas brasileiros e estrangeiros, amadores - na época dentre eles José Lutzemberg e Carlos Scliar - e colecionadores, contava ainda com uma retrospectiva de Pedro Weingärtner.

A participação de Boeira nessa exposição contou com ampla divulgação e visibilidade de suas obras na imprensa. As críticas a seu favor foram diversas. O jornalista e escritor Manoelito de Ornelas escreveu sobre o artista:

O Rio Grande tem um belo artista, entre os seus maiores artistas. Um pintor cujas telas jamais se confundirão. Romântico, talvez. Talvez passadista. Mas ninguém como ele dentro da concepção que forma a arte sabe usar com tanta maestria de todos os fatores estéticos. (OSCAR BOEIRA: 100 ANOS, 1983, p. 10)

Em 1939 suas obras *No capão*, *Posando*, *Touca Branca* e *Vestido Azul* estavam à mostra na sua última exposição em vida, no I Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Realizado com visibilidade nacional esse salão comemorou o cinquentenário da República. Contou com a participação de 85 artistas, sendo 62 de outros estados, nesta foram expostas 318 obras, apresentadas entre pinturas, esculturas, obras de arte decorativa, arquitetura e uma sala livre.

Catálogo do I Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul



Núcleo de Documentação e Pesquisa do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS

Um artista que jovem inicia-se nas artes no Rio de Janeiro, mesmo depois de sua volta ao estado e sua experiência como professor no EBA, dividia-se entre suas experiências em alguns salões de arte e a busca de aperfeiçoamento em seu ofício, com livros e revistas de arte vindos da Europa, recebidos através de uma tia-avó. Falava fluente francês e lia muito bem em inglês, pesquisava arte e as influências europeias permeavam em sua produção impressionista, mais forte no final de sua vida. A personalidade tímida e reservada o mantinha avesso aos apelos e vaidades da fama, acreditava que a arte não tinha preço e se dedicara o máximo em aulas particulares em seu ateliê. O desenho e a pintura foram sua vida, retratava sempre figuras femininas, geralmente suas irmãs. Viveu solteiro, sempre na capital.

Mais próximo do fim de sua vida produziu alguns de seus mais significativos quadros, *Bordando no Jardim* e *Moça do Chapéu de Palha*. Pintados à luz do dia trazem o traço e a delicadeza impressionista que nos remetem a algumas obras dos grandes mestres europeus. Na obra *Bordando no Jardim*, pinta os raios de sol, que incidem diretamente na jovem retratada, onde seu vestido ganha clarões de luz, causando sobre o branco uma iluminação. Essa obra nos faz lembrar da pintura de Édouard Monet, *Mulher lendo*, de 1871, onde uma jovem descansa sobre a sombra de uma árvore para ler e os raios de sol atravessando as folhas da árvore que lhe proporciona sombra marcam o vestido da jovem.

Oscar Boeira. *Bordando no Jardim*, 1934.



Óleo sobre tela. 38x48cm. Col. Centro cultural APLUB.

Já a pintura *Moça com Chapéu de Palha* traz um fundo não definido, apenas sugerido por volumes e uma combinação de cores. Há um acúmulo de tinta nesse fundo, que molda através da matéria colorida flores, nos remete assim a algumas obras de Van Gogh. A moça com os olhos fechados, provavelmente em decorrência da luz do sol, forma um ponto interessante na obra, pois um olhar centralizaria a atenção da composição.

Moça com chapéu de palha, 1936.



Óleo sobre tela. 80x64cm. Col. Dr. Paulo do Couto e Silva. Porto Alegre, RS.

Seu sobrinho Nelson Boeira Faedrich, também artista, relata em uma entrevista para o jornal *Correio do Povo* de 31 de julho de 1983, realizada em decorrência do centenário de nascimento do pintor, que seu tio nos últimos anos de vida apontava para uma leve inclinação à esquizofrenia, que se acentuava com o passar do tempo. Lembrava ainda que nessa fase os desenhos de Oscar Boeira ganharam tons eróticos e exageradamente sensuais. Em 1938 teve notícias de um internamento do tio no Nosocômio do Estado. Em fevereiro de 1943 Nelson recebe uma carta da família recebendo notícias da morte do tio.

Uma queda enquanto pintava o teto da cozinha com cal fez o pintor se ferir gravemente fraturando a bacia, costelas e pernas. Permaneceu internado no Hospital Beneficência Portuguesa, onde os médicos que o atenderam diziam que Boeira parecia ter caído de um avião pela gravidade de suas fraturas. Faleceu às 4h30min em 13 de fevereiro de 1943 e foi sepultado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Na certidão de óbito do pintor aparece a causa de sua morte por fratura dos ossos da bacia e oclusão intestinal, uremia.

Uma exposição foi realizada em sua homenagem em 1953, sendo sua primeira individual, póstuma, organizada pela Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Associação essa que teve como um dos fundadores seu sobrinho Nelson, em 1938. Ainda a Comissão de Arte do Circulo Militar promoveu uma retrospectiva em 1972 de gaúchos da primeira fase da arte no estado trazendo obras de Boeira.

As duas mostras mais significativas, após sua morte foram *Oscar Boeira: 100 anos* organizada no MARGS em 1983, na qual o catálogo da mostra traz a história da vida e alguns aspectos da importância da obra do pintor e o *Projeto da Caixa Econômica Federal Resgatando a Memória* de 1997. Essa última reuniu 51 das 60 pinturas e desenhos do pintor que se encontram espalhadas em acervos diversos. Com o intuito de aproximar o público das obras do artista, que por vezes são inacessíveis pelo fato de pertencerem em grande maioria à família e a colecionadores, ainda preparou um importante livro narrando a história e apresentando algumas obras do nosso artista.

Boeira recebeu ainda uma homenagem tendo seu nome colocado em uma Praça de Porto Alegre, localizada no Bairro Auxiliadora, proposta do vereador Martim Aranha Filho, em 1983. O espaço ganha um busto do artista feito pelo artista plástico Cláudio Martins Costa em 2005.

Inegavelmente diferente entre os nossos, Boeira evitou reproduções tradicionais e temas regionais, provocou impacto na crítica em um momento em que as artes plásticas ganhavam espaço e se firmavam como no estado. Sua forma de ver o mundo influenciou em sua carreira, modesto e avesso à fama legou à arte gaúcha obras inovadoras à seu tempo. Por vezes posto ao lado de grandes nomes, como Pedro Weingärtner, pintor presente entre os melhores do sul, ainda provoca discussões entre os críticos, se não seria Boeira o maior dentre os artistas do período. Como exalta Fernando Corona em depoimento sobre o pintor no *Jornal Correio do Povo* de 09 de abril de 1972 descreve-o como: “aquele artista que pintou muito pouco e nos deixou como viveu, em silêncio, deixando-nos para receio dos nossos olhos a poesia luminosa dos quadros que pintou”. O mesmo ainda exalta Boeira em uma das crônicas de seu livro *Caminhada nas Artes*, eleva o pintor ao mais sensível de todos os grandes nomes da pintura gaúcha, dizendo ainda que se esse estivesse vivido entre São Paulo e Rio de Janeiro estaria entre os maiores a nível nacional.

O primeiro artista gaúcho a fazer pintura refletindo o sol e sombras coloridas com toques fragmentados de pincel. O desenho “limpo” e o ideal de beleza está presente em suas telas. Por esse motivo toda crítica se mostra favorável... (KERN, 1981. apud: CAMBONA, 1983, p. 18)

Sendo assim esse artigo traz apenas alguns aspectos da vida desse instigante pintor, porém ter acesso à sua história nos proporciona estarmos mais próximos da sociedade do final do século XIX, início do século XX, através de suas obras. Sem dúvida Boeira reflete o brilho e a luz da arte gaúcha do início do século XX com sua sensibilidade. Porém sua história nos remete as sombras que permearam sua carreira e o deixou-se perder no tempo. Transportamo-nos ao vislumbrar sua produção a significativas questões a respeito de seu período. Permite-

nos ainda a perceber a necessidade de ampliar nossos conhecimentos a cerca das especificidades que história da arte do Rio Grande do Sul pode nos proporcionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVANCINI, José Augusto. **A pintura de paisagem de Oscar Boeira (1883-1943)**. Anais do XXIV Colóquio Brasileiro de História da Arte, 2004.

BLANCA Brites; Bulhões. Maria Amélia; CATTANI, I.; GOMES, Paulo. **100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2012.

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. **Continente improvável: artes visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX**. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CAMBONA Centro de Arte. **Do passado ao presente: as artes plásticas no Rio Grande do Sul**: Medeiros Graf., 1983.

CERONI, Giovani da Costa. **A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos Jornais Correio do Povo e A Federação**. Dissertação (Mestrado em História). Pós Graduação em História - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

CORONA, Fernando. **Caminhada das artes: 1940-76**. Porto Alegre: UFRGS, 1977.

DAMASCENO, Athos. **Artes plásticas no Rio Grande do Sul: (1755-1900)**. Porto Alegre: Globo, 1971.

GASTAL, Suzana. Arte no século XIX. In.: GOMES: Paulo. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica**. Porto Alegre: Pallotti, 2007.

GUIDO, Ângelo. Um século de pintura no Rio Grande do Sul. In.: **Enciclopédia Rio-Grandense**. Canoas: Editora Regional, 1956-58.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **Les Origines de la Peinture “Moderniste” au Rio Grande do Sul – Bresil**. 1981. 425 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Université de Paris I – Pantheon – Sorbonne, Paris, 1981.

KERN, Maria Lúcia Bastos. A emergência da arte modernista no Rio Grande do Sul. In.: GOMES: Paulo. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica**. Porto Alegre: Pallotti, 2007.

NASCIMENTO, Fernanda. **Os intelectuais do IHGRS e os festejos do Centenário Farroupilha:** a construção da memória farrapa. Revista Eletrônica História. Disponível em <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=85>> Acesso em 11 de junho de 2014.

PIETA, Marilene Burret. **Oscar Boeira:** um pintor com luz própria. Projeto CEF resgatando a memória, 1997.

OSCAR BOEIRA: 100 ANOS. **Catálogo exposição MARGS.** 1983.

REGINALDO, Juliano da Cunha. **A produção fotográfica da Exposição Farroupilha:** visualidades de um evento. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, 2010.

SCARINI, Carlos. **A gravura contemporânea no Rio Grande do Sul: 1900-1980:** alteridade/identidade. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 1981.

TREBBI, Yolanda. **Oscar Boeira:** uma vida diferente. Porto Alegre: Gráf. Editora Rittmann, 1971.